

Um Retrato Fora da Arca (e com originais protagonistas)

Rui Sousa*

PESSOA, Fernando (2018). *Um Retrato Fora da Arca*. Organização de Zetho Cunha Gonçalves. Lisboa: Antígona. 426 pp. [ISBN: 978-972-608-316-0].



Nos tempos que correm, perante a crescente inclinação da área dos estudos em torno de Pessoa para o âmbito da edição de novos contributos, com critérios distintos e acompanhando por vezes as efemérides marcantes – como as relacionadas com o centenário da revista *Orpheu* e outras subsequentes –, cada novo livro publicado tem de ser mais do que nunca avaliado tanto pela sua qualidade individual como pela sua inscrição no conjunto do já existente.

Correspondendo a mais uma incursão de Zetho Cunha Gonçalves no universo literário do Modernismo e do Surrealismo, sobretudo em termos da divulgação de autores e de contextos menos lembrados e plenos de polémica,

Fernando Pessoa. Um Retrato Fora da Arca (Antígona, 2018) apresenta novidade, quer ao nível da concepção, quer em termos dos textos apresentados, alguns pouco acessíveis ao grande público, outros dispersos nos jornais em que foram dados à estampa ou revelados em contributos científicos recentes e ainda não recolhidos em volume. Recorde-se que o labor editorial de Zetho deu a conhecer, até ao momento, só para mencionar alguns exemplos, contributos tão relevantes como *Obra Poética 1953-1993*, de Luís Pignatelli (&etc, 1999), *Uma Faca nos Dentes*, de António José Forte (Parceria A. M. Pereira, 2003), o conjunto de livros de Natália Correia editados pela Parceria A. M. Pereira (2003-2004), *Bonsoir, Madame*, de Manuel de Castro (Língua Morta, 2013) ou *Notícia do maior escândalo erótico-sexual do século XX em Portugal* (Letra Livre, 2014), a que deve somar-se uma anterior incursão na edição pessoana, com *Contos Completos: Fábulas e Crónicas Decorativas* (Antígona, 2012), segundo título de uma colecção pessoana da Antígona inaugurada com *O Banqueiro Anarquista* (1981).

Um Retrato Fora da Arca apresenta-se como o primeiro livro seriamente dedicado ao estudo das interações intelectuais e humanas entre Fernando Pessoa e os seus amigos e companheiros de projectos pessoais. Ora, é certo que já tinham sido tentadas outras incursões neste domínio. O número de homenagem publicado no número 48 da *Presença*, de Julho de 1936, que serve de mote aos propósitos de Zetho,

* Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL).

é um testemunho fundador dessa intenção de conjunto. O subtítulo da primeira biografia de Pessoa, da autoria de João Gaspar Simões (1950), com todos os problemas de critério e eventuais lacunas, deixava lucidamente claro que uma compreensão adequada do vulto de Pessoa implicava uma atenta dedicação aos seus contemporâneos, na medida em que se propunha, também, biografar uma geração. A partir do centenário do nascimento de Pessoa, com *Fernando Pessoa no seu tempo* (BNP, 1988), a necessidade de se estudar o poeta como rosto mais destacado de uma galeria fundamental impôs-se, como o denuncia, também, o projecto de um *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (Caminho, 2008). Mais recentemente, o livro *1915 – O Ano do Orpheu* (Tinta-da-china, 2015), provavelmente o mais completo do muito que se publicou nos arredores do centenário do *Orpheu*, e alguns contributos preciosos dados a conhecer através da *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, sobretudo os de José Barreto votados a Raul Leal, Da Cunha Dias ou à derradeira paixão de Pessoa, deram novas pistas de leitura relevantes, não devendo ser esquecido o lugar de destaque conferido a Augusto Ferreira Gomes nas edições dos textos que documentam a problemática ligação entre Pessoa e Aleister Crowley, nomeadamente na mais recente, organizada por Steffen Dix (*O Mistério da Boca do Inferno: correspondência e novela policial*, Tinta-da-china, 2019). Merece ainda, obviamente, uma menção importante a galeria de edições da correspondência pessoana com Côrtes-Rodrigues, Ofélia Queiroz e os presencistas, acompanhadas por prefácios contextualizadores de ensaístas como Gaspar Simões, Joel Serrão, Manuela Parreira da Silva, David Mourão-Ferreira, Enrico Martines ou Richard Zenith, a que o estudo fundamental de Parreira da Silva, *Realidade e Ficção* (2005), na esteira da sua edição da correspondência de Pessoa para a Assírio & Alvim.

É bebendo activamente neste solo fértil que a edição de Zetho adquire o seu devido lugar, merecendo ser reconhecida como um objecto singular, que explora os horizontes já entreabertos e estabelece conexões e sintonias ainda pouco lembradas ou que, tendo-o sido individualmente, ganham em ser conjugadas como peças dispersas de um mesmo mosaico. A meu ver, a justificação fundamental da presente obra prende-se, sobretudo, com a escolha dada à disposição dos muitos e diversos materiais compilados, assim como a um aspecto decisivo, perfeitamente em linha com a carreira editorial do organizador e, por isso mesmo, decisiva para uma mais vasta compreensão do lugar de Pessoa na rica e complexa constituição de um ambiente literário que permaneceria vivo nas décadas subsequentes, permitindo, por exemplo, o encontro com as gerações surrealistas herdeiras dos traços mais persistentes do espírito de *Orpheu*: a deliberada intenção de iluminar interacções menos lembradas devido ao peso normalmente atribuído aos companheiros modernistas e à intenção de fazer da obra pessoana propriamente dita uma espécie de continente isolado.

Sublinhe-se, contudo, que nenhum destes dois lugares comuns está ausente da antologia, na medida em que o *Orpheu* ocupa o seu lugar de destaque, como não

podia deixar de ser, e os vários testemunhos concorrem para confirmar a excepcionalidade de Pessoa no olhar dos seus contemporâneos. No caso de *Orpheu*, porém, a escolha dos documentos, assim como a escolha por se omitirem alguns documentos importantes, como assinalarei adiante, o olhar é dirigido mais para as suas repercussões ao longo da década de 20 do que propriamente para o momento da publicação da revista, permitindo que Raul Leal se torne num dos grandes promotores da inquietação órfica. No caso da singularidade de Pessoa, a novidade prende-se com o encontro de uma série de testemunhos extraídos dos mais diversos contextos interaccionais, que revelam um retrato abrangente do homem e da admiração que lhe era votada em todos os âmbitos do seu percurso diário, desconstruindo definitivamente a imagem canónica de um Pessoa desprovido de vitalidade, isolado numa torre de marfim semelhante à nuvem dialogante em que José Saramago figurou Deus no primeiro encontro com Jesus, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Começo por uma apresentação sumária da organização do livro, antes de me deter em considerações mais aprofundadas sobre alguns assuntos particulares.

A primeira parte, “Fernando Pessoa: a homenagem da revista *Presença*, 1936”, dá à estampa a totalidade do número da *Presença* publicado em Julho de 1936, que, além de introduzir um dos mais curiosos elementos da biografia pessoana, o relacionamento com Ofélia Queiroz, inclui alguns documentos ainda hoje relevantes no quadro global da biografia pessoana, como as notas de Gaspar Simões à muito comentada carta pessoana datada de 11 de Dezembro de 1931, revisitada, por exemplo, por Rita Patrício (*Episódios*, 2012) e por Fernanda Vizcaíno (“Quatro Cartas de Fernando Pessoa Revisitadas”, 2017), ou o estudo de Guilherme de Castilho sobre Alberto Caeiro, com conclusões pertinentes a respeito da singular filosofia existencial do heterónimo. O primeiro capítulo daquela que deveria ser uma biografia de Pessoa assinada por Raul Leal introduz a figura do profeta Henoch no percurso delineado pelo organizador, no qual é uma das grandes personagens. Com efeito, Leal é o único nome a constar das quatro partes do volume, com um destaque do qual se aproximam os outros grandes protagonistas, António Botto, Ferreira Gomes, Da Cunha Dias e Ofélia Queiroz, numa constelação invulgar que rivaliza claramente com a mais habitual, representada, aqui, por Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Luís de Montalvor, Alfredo Guisado, Casais Monteiro e Gaspar Simões.

A segunda parte, “Os Próximos, os Íntimos: Memorial Humano e Literário de Fernando Pessoa”, corresponde, desde a designação, ao que poderia ser um título alternativo do livro e à síntese exemplar dos seus propósitos. Um memorial humano e literário de Pessoa, pois, que não exclui nenhuma das componentes constitutivas da personalidade do autor. Estão contempladas, entre outros, questões como a importância decisiva de Pessoa no panorama geral da poesia moderna portuguesa, o heteronimismo conforme apresentado pelo próprio e pelos seus primeiros interlocutores empenhados na consagração do mito pessoano, a sua atracção por

assuntos relacionados com a astrologia e o ocultismo, a exuberante singularidade da sua postura pública e privada ou a emergência e desenvolvimento do seu caso amoroso com Ofélia. Esta segunda parte é, também, a que mais curiosidade poderá despertar por parte do leitor mais exigente, na medida em que é a que mais se dedica a recolher dispersos nunca publicados em livro, alguns dos quais de inequívoca importância para um panorama mais vasto, não só de Pessoa, mas do ânimo geral do Modernismo português e do modo como a partir de final da década de 30 se iniciou uma verdadeira luta pela consolidação da memória histórica do *Orpheu* em relação com os seus sobreviventes e os seus herdeiros directos. Como tenho defendido, é ao nível deste embate crítico que me parece dever situar-se a grande originalidade da abordagem de Zetho: não escolhendo o mais favorável e consensual olhar dominante, que poderia justificar a inclusão de mais cartas para Côrtes-Rodrigues e de Mário de Sá-Carneiro e de outros documentos a que farei menção adiante, o organizador inclui-o para o dispor em relação com outras vozes, que o iluminam, o contrariam, lhe servem de alternativa.

Esta segunda parte colige textos de diversas naturezas, incluindo peças muito conhecidas e influentes, como a carta sobre a génese dos heterónimos e respectivo comentário de Casais Monteiro ou a nota de Côrtes-Rodrigues acompanhando a edição das cartas que Pessoa lhe endereçou; homenagens literárias, como “Poema de Cinza”, de António Botto; e contributos de extrema importância, nem sempre lembrados, como as repostas ao inquérito do jornal *Acção*, “Qual o lugar de Fernando Pessoa na poesia portuguesa” (1944), e sobretudo as intervenções de Ferreira Gomes e de Raul Leal. Em tom marcadamente polémico, Ferreira Gomes opta por comentar, desmentindo-as, muitas das teses ‘de romancista’ a que Gaspar Simões recorreu na sua biografia.

Os textos de Ferreira Gomes compilados são, de resto, centrais num importante ímpeto de demonstração de que o percurso da recepção crítica dos temas associados ao universo pessoano deveria ser iluminado por outras fontes além das dos jovens presencistas. Primeiro, através da publicação de excertos da entrevista até agora nunca publicada em livro na qual Ferreira Gomes é convidado a esclarecer aspectos pertinentes da vida do seu amigo, a biografia de Gaspar Simões é denunciada como uma mistificação romanesca, sendo muitas das suas intuições e propostas desconstruídas minuciosamente e outros amigos, além dos órficos, dados como testemunhas fundamentais. Os excertos de “Fernando Pessoa e os seus heterónimos”, por seu lado, são importantes para descrever um outro núcleo de amizades privilegiadas – Silva Tavares, Numa de Figueiredo, Da Cunha Dias e o próprio Gomes –, o segundo dos quais, como se sabe, contemplado, com não disfarçada ironia cosmopolita de Mário de Sá-Carneiro, para *Orpheu* 3 – e para contextualizarem a intervenção destes companheiros na obra de Pessoa, por exemplo no que diz respeito ao horóscopo de Campos, mencionado na *carta sobre a génese dos heterónimos*.

Quanto aos dois textos de Leal, talvez os mais relevantes de todos os que o organizador retirou ao relativo ineditismo inerente ao facto de terem ficado esquecidos em jornais datados de 1959 e de 1960, considero-os fundamentais no actual panorama dos estudos modernistas. “As tendências orfeicas e o saudosismo”, mais do que uma nova achega ao já muito debatido contraste entre Pessoa e Pascoaes, introduz na análise uma ideia fundamental. Começando por expor diferentes formas de interacção com o passado, e confirmando as mais avisadas leituras que definem a singularidade do Modernismo português à luz de uma sincrética recepção de veios culturais diversos muito mais do que em função da sua inclusão num panorama de ruptura de teor exclusivamente vanguardista, Raul Leal sintetiza a sua posição numa ideia crucial: o Modernismo português foi o primeiro movimento que, em Portugal, se afirmou como uma forma de intervenção ideológica global, com propósitos assumidos por todos e alvos absolutamente definidos. A noção de que o projecto dos modernistas portugueses, mas sobretudo o do próprio Pessoa, corresponde a uma proposição ideológica destinada ao confronto com outras ideologias, nomeadamente as que se destinavam a um culto petrificado das riquezas do passado e a um esquecimento absoluto deste em nome da mera atracção pelas coisas presentes, é uma chave de leitura privilegiada, que permite distinguir os órficos de outros movimentos e artistas modernos, como a geração de 70, em Portugal, ou as poéticas de Baudelaire e de Marinetti, ao nível da contemporaneidade europeia. Por seu lado, menos extenso, mas também muito relevante, o texto “As Criações Metapsíquicas de Fernando Pessoa” oferece uma nova abordagem interpretativa da teoria da heteronímia, não muito distante de outras abordagens mais reconhecíveis, não faltando inclusive a associação entre a disposição espiritualizadora da qual emergem os heterónimos e uma deriva desta que presidiria ao Quinto Império.

A terceira parte da obra, “‘Uma Ânsia Aflita de Falar Consigo’ ou o presente da amizade retribuído”, apresenta a outra face da moeda deste diálogo entre Pessoa e os seus companheiros. Correspondendo essencialmente à recolha de cartas de Pessoa para vários destinatários e a ensaios críticos dedicados a diversos interlocutores, este terceiro eixo do percurso delineado por Zetho ganha novos contornos depois de lidas as duas primeiras partes do livro. Alguns dos nomes que nessas duas primeiras partes lembram o amigo morto e assinalam a sua grandeza humana e literária e a vitalidade da sua presença anos depois de ter morrido são aqui confirmados pela pena do próprio Pessoa como figuras significativas. Entre peças mais recorrentemente lembradas, como a homenagem mitificadora a Sá-Carneiro publicada no segundo número da *Athena* (1924) ou o texto emblemático publicado no terceiro número de *SW*, em 1935, “Nós, os de *Orpheu*”, a forte presença de três figuras constantes em todo o livro, Leal, Botto e Ferreira Gomes, é confirmada através de textos nos quais Pessoa muito revela de concepções decisivas no conjunto da sua obra. Em “António Botto e o ideal estético em Portugal”, um dos dois ensaios

extensos votados ao poeta de *Canções*, a defesa da singularidade pagã do esteticismo de Botto permite uma bastante ampla exposição de elementos basilares de um ideal de mundividência clássica importante para a compreensão do *drama em gente*, como defendeu Nuno Amado em capítulo recente de dissertação (“Plantador de Mestres a Haver”, 2016).

Este texto motivaria críticas assertivas que ganhariam outra espessura na intervenção pessoana na polémica que agitou o panorama literário português em 1923 e que Zetho Cunha Gonçalves revelara na sua extensão no já mencionado *Notícia do maior escândalo erótico-sexual do século XX em Portugal*. Sendo a defesa de Raul Leal um pretexto para Pessoa (e Álvaro de Campos, em textos não incluídos nesta antologia) retomarem algumas observações sobre o contraste entre a grandeza literária dos poetas atacados pelos estudantes lisboetas e a imoralidade dos costumes falsamente defendidos pelos grandes veículos do ensino universitário, das instituições eclesiais e da imprensa da época, o caso exemplar de Botto não poderia deixar de ser trazido à colação. Como a anterior recolha de Zetho Gonçalves deixa claro, “António Botto e o ideal estético em Portugal” é o ponto de partida para a denúncia da *literatura de Sodoma*, pronunciada por Álvaro Maia, e para a defesa de Raul Leal, primeiro com “António Botto e o sentido íntimo do ritmo” e depois com a sua expansão através de uma das suas mais reconhecíveis e reeditadas obras, *Sodoma Divinizada*, patrocinada por Pessoa através da sua chancela Olisipo. Existe, portanto, uma fundamental conexão entre Pessoa, Botto e Leal, na década de 20, que *Um Retrato Fora da Arca* escolhe como um dos esteios da imagem de um Fernando Pessoa corajoso, politicamente empenhado e interessado por assuntos coevos ao universo da literatura que procura transmitir ao leitor. Campos, Botto e Leal são convocados na polémica, permitindo ao organizador também definir as duas recolhas como complementares, motivo pelo qual se justificam parcialmente as exclusões de peças importantes para a devida compreensão das contempladas na segunda.

Finalmente, o prefácio a *Quinto Império*, de Augusto Ferreira Gomes, é uma das mais claras exposições da mitologia do Quinto Império conforme delineada por Pessoa, com grande insistência e diversidade ao longo de toda a sua vida.

A quarta parte do livro, “As Vozes da Intimidade Comunicantes”, é, quanto a mim, a que menos merece uma análise demorada. Correspondendo, em termos de organização do conjunto, a uma espécie de ponte entre a segunda e a terceira partes, na medida em que reúne documentos publicados em vida de Pessoa correspondentes ao impulso epistolográfico e ensaístico da terceira parte, mas agora ao nível das cartas recebidas por Pessoa e do diálogo interno à ficção do heteronimismo, sobretudo ao nível da disputa teórica entre o próprio Pessoa e Campos, é novamente ao nível das figuras habitualmente marginalizadas pela crítica que mais pode pensar-se em novidades. São publicados em volume documentos dados a conhecer em investigações recentes de José Barreto e de

Ricardo Vasconcelos, respectivamente um conjunto de cartas da autoria de Cunha Dias, importantes para o estudo deste amigo de Pessoa e das interrogações pessoais a respeito do génio e da loucura, e uma carta de Raul Leal comentando o suicídio de Sá-Carneiro, num dos mais acabados exemplos do delírio vertiginoso próprio da escrita de Leal.

Finalmente, como epílogo, a edição fornece ao leitor documentos de índole marcadamente biográfica, dos apontamentos coligidos por Côrtes-Rodrigues em 1914 que sintetizam a formação de Pessoa até à data e antecipam algumas rábulas críticas posteriores, como a resposta pessoal a Gaspar Simões identificando o sino da sua aldeia com o Largo de S. Carlos, às derradeiras notas biográficas do punho do próprio Pessoa e às informadas notícias necrológicas publicadas no Diário de Notícias e no Diário da Manhã. Seguem-se, como apêndice, seis das cartas dirigidas a Ofélia Queiroz, nos dois momentos da singular relação amorosa que este conjunto, como referi, não esquece.

Como procurei sublinhar, a pertinência desta edição de Zetho Gonçalves, assim como os critérios escolhidos, ao nível do foco em algumas personalidades fundamentais e da própria opção pelos documentos dispostos neste jogo de ecos como um frutífero encontro de vasos comunicantes, não está em causa. A actualidade da figura de Pessoa que daqui resulta, em especial se atentarmos na indicação de Raul Leal a respeito do tom ideológico de todo o projecto literário e cultural pessoal, é indiscutível e deverá ser decisiva na construção futura dos estudos modernistas e pessoais.

Como derradeiros reparos, parece-me, contudo, importante recordar outras peças que poderiam ter sido contempladas e que não ficariam mal numa futura reedição da obra. Penso em função de cada uma das partes consideradas.

Quanto à primeira parte, se é difícil contornar-se a presença exclusiva dos textos publicados no volume de homenagem de 1936, a verdade é que a publicação da carta de Pessoa destinada a Gaspar Simões e da resposta deste ganharia em ser lida em relação com a missiva de 26 de Junho de 1929, na qual Pessoa comenta com gratidão o estudo publicado no livro *Temas*, assim como o rascunho dessa carta, mais nitidamente marcado pela emoção, e por isso preterido.

Quanto à segunda parte, seria interessante a recolha de outros relevantes testemunhos da imagem de Pessoa no contexto do *Orpheu*, desde logo as várias composições memorialísticas de Almada Negreiros, na linha do publicado “Fernando Pessoa: o poeta português”, como o recentemente reeditado *Orpheu 1915-1965*. Teria também pertinência, pelo contraste relativamente a estes testemunhos, a publicação da entrevista de Teixeira Pascoaes na qual este recorda o seu contacto com Pessoa.

Quanto à terceira parte, notam-se algumas lacunas significativas, com particular relevo para as cartas trocadas por Pessoa e Alfredo Guisado, nas quais se percebe a cumplicidade dos companheiros de *Orpheu* na composição dos

heterónimos e na primeira intenção de construir em seu torno uma *blague* grupal, importante, por exemplo, para a compreensão da carta de Armando Côrtes-Rodrigues datada de 19 de Janeiro de 1915, um dos pontos altos de toda a correspondência pessoana. Seria também extremamente significativa, paralelamente à carta endereçada a Tomás Ribeiro Colaço, a inserção do rascunho da missiva não enviada a Casais Monteiro, no dia 30 de Outubro de 1935, na qual se explica o silêncio editorial de Pessoa com as novas normas censórias instituídas pelo Estado Novo. Dada a recorrente menção ao texto “Associações Secretas” ao longo de todo o volume, a sua inclusão seria também pertinente, até por acrescentar outra faceta do polemista revelado aquando da controvérsia de 1923. Atendendo à intenção de dar a conhecer documentos menos lembrados do percurso comunicativo de Pessoa, seria extremamente interessante, também, a publicação neste conjunto das cartas de Abril de 1919 dirigidas a Francisco Fernandes Lopes, nas quais se dão a conhecer outros projectos políticos de Pessoa e se expõe com grande minúcia uma das interpretações pessoanas da pertinência do processo heteronímico e dos mecanismos necessários para o produzir e potenciar.

Na quarta parte, justificava-se a inclusão das cartas de Sá-Carneiro anunciando os motivos para a interrupção da aventura órfica. Algumas das “Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro” seriam também muito pertinentes, aprofundando o debate entre Pessoa e Campos e introduzindo neste retrato global as figuras dos demais heterónimos.

Finalmente, sente-se a falta das cartas em que Álvaro de Campos se dirigiu directamente a Ofélia Queiroz e que são, a par das missivas do engenheiro naval aos jornais portugueses, aquando do *Orpheu*, os mais significativos exemplos da intromissão dos heterónimos na vida civil de Pessoa, que, finda a leitura deste livro, adquire uma espessura e diversidade assinaláveis e que certamente deverá ser complexificada por novos desenvolvimentos a conhecer nos próximos anos.

RUI SOUSA concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Publicou ensaios sobre Fernando Pessoa, Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e em números recentes da *Pessoa Plural*. Colabora no projeto do CLEPUL dedicado ao estudo da Cultura Negativa, nomeadamente no *Dicionário dos Antis* (2018). Coordenou um livro dedicado ao período entre 1912 e 2012 na Literatura Portuguesa, *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, em parceria com Ernesto Rodrigues (2017). Coordenou a preparação dos Congressos Internacionais *Portugal no tempo de Fialho de Almeida* (2011) e *Surrealismo(s) em Portugal – nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Fez parte da Comissão Organizadora do Congresso *Orpheu 100* (2015).

RUI SOUSA graduated in Portuguese Studies and obtained a Master's degree in Romanic Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Letters of the University of Lisbon. He recently obtained his PhD, with a dissertation dedicated to the concept of the libertine in Luiz Pacheco. He is a researcher of the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Letters of the University of Lisbon (CLEPUL). He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in *Pessoa Plural* and in the anthology *1915—The Year of Orpheu* (2015) coordinated by Steffen Dix. He collaborates in a CLEPUL project dedicated to the study of Negative Culture, namely in the *Dictionary of Antis* (2018). He organized, with Ernesto Rodrigues, an anthology devoted to the period 1912-2012 in Portuguese Literature: *A Dinâmica dos Olhares—Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal* (2017). He also organized the International Congresses *Portugal no Tempo de Fialho de Almeida* (2011) and *Surrealismo(s) em Portugal—Nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Sousa also took part in organizing the *Orpheu 100* Congress (2015).